

Universidade



Livre



Instruir é construir.

V. HUGO

A vida deve ser uma educação incessante sem treguas; é necessário aprender desde o nascimento até á morte.

G. HAUBERT

BOLETIM MENSAL

ANO I

N.º 8

AGOSTO DE 1914

SUMARIO:

CONFERENCIAS E LIÇÕES

NA UNIVERSIDADE

O Mitraismo, por Agostinho de Almeida pag. 119

QUESTIONARIO » 127

VIDA ASSOCIATIVA DA

UNIVERSIDADE LIVRE

Proximo ano lectivo..... » 130
A crise europeia..... » 130
Medalha e Fundo Henri Poincaré . » 131
Retribuindo..... » 131
Balancete do mês de Agosto de 1914 » 132

LISBOA.

PROPRIETARIO: ♦ ♦ ♦ ♦ ♦ ♦

♦ ♦ ♦ ♦ ♦ Universidade Livre.

DIRECTOR E EDITOR: ♦ ♦ ♦ ♦ ♦

♦ ♦ ♦ ♦ ♦ Antonio M. Pires.

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO: ———

——— Praça Luis de Camões, 46, 2.º

Composto e impresso na Tipografia Eduardo Rosa, Rua da Madalena, 31

PREÇOS:

AVULSO, 8 CENT.

ASSINATURA ANUAL, 80 CENT.

CONFERENCIAS E LIÇÕES

NA UNIVERSIDADE ❧ ❧ ❧

O Mitraísmo

(Realizada em 7 de Junho de 1913, pelo sr. Agostinho de Almeida)

(Continuação do numero anterior).

Outro ponto digno de menção é que ambas oferecem uma grande resistencia a serem assimiladas por outros cultos aí preexistentes.

Chegado a Roma, o Mitraísmo fez progressos prodigiosos. Pelos fins do 1.º século já havia conseguido fazer-se largamente conhecido, como no-lo dão a entender Juvenal, Estácio e Plutarco e o atestam vários monumentos, entre os quais citarei apenas um grupo de marmore, dedicado a Mitra, por Claudio, prefeito do Pretório.

O mesmo espirito sanguinário de um Nero sentiu o atractivo dos seus mistérios; sob os Antoninos, vemos que o Mitraísmo já chamava a si as atenções dos espiritos mais cultos. Cómodo fez-se inscrever entre os seus adeptos e por várias vezes tomou parte nas suas solenidades; o célebre Heliogábalo parece ter feito o mesmo, segundo se depreende de Lampídio; os Severos tiveram alta estima por esta religião; Aureliano instituiu oficialmente o culto do «Sol Invictus»; Diocleciano mandou-lhe levantar um templo com a sonora inscrição de «Fantori Imperie» e diz-se até que a grande perseguição de Galero contra os cristãos foi movida pelos sacerdotes de Mitra; Juliano abandonou o Cristianismo para se tornar um dos mais apaixonados propagandistas do culto desta divindade; em suma, tal foi o favor que o Mitraísmo gosou em Roma que se lhe permitiu que erigisse um templo no monte Capitolino e por baixo do mesmo Capitólio, o lugar mais sacrosanto para um romano.

Imaginai que os cristãos autorizavam a criação de um templo a um outro deus sob o Vaticano ou sob o título de Cristo em Jerusalém, e aí tereis um facto um tanto análogo ao que acabamos de citar.

Os mesmos titulos dos imperadores romanos, de «*pius*», «*felix*», «*invictus*» parece terem derivado de influências mitraíticas. Na realidade, tais titulos aparecem na época em que o Mitraísmo exercia uma grande influencia nos espiritos, e alem disso, êsses titulos pouco ou nada têm do colorido occidental da época, ao passo que estão de pleno acôrdo com as idéas mitraíticas.

O monarca é pio (*pius*), porque, segundo a doutrina mitraítica, só a piedade é que lhe póde grangear o favor do céu; êle é venturoso (*felix*), porque o imperador na doutrina mitraítica é especialmente assistido da graça divina, o «Hvaranô», que no Ocidente se interpretou por «*fortuna regia*»; e é finalmente invicto (*invictus*), porque invicto é tambem o deus, sob cuja tutela se collocou e cujos interesses, por êsse facto, se identificaram com os seus.

Não foi, porem, sómente em Roma que o Mitraísmo soube atrair a si os espiritos: no século II e sobretudo no III, êle já tinha penetrado nos recantos mais afastados da Europa e havia-se tornado a religião mais largamente espalhada, por todo o império.

Por toda a Itália, na Austria, na Alemanha, na Belgica, na Inglaterra, na França, na Espanha, no mesmo Egito, e quasi por toda a Africa do norte se tem descoberto inumeros monumentos, que nos atestam a sua grande difusão e prestigio. São muitas as inscrições, que se têm achado por toda a parte dedicadas ao «*Omnipotente Mithrae*», ao «*Soli Deo Invicto*», ao «*Deo Optimo et Maximo*», ao «*Indeprehensibili Deo*», etc., e até os poetas já o cantam em sonoros versos, tais como: «*Vaga volventem sidera Mithram, Sol testis avus, Sol Persice Mithra*», «*Ipse pias animas mitis et claudis in aevum orbe tuo*». (Drac. Rom. x) e (Claud. De consul. Stil. 1), e outros literatos, como Eubulo e Palas lhe dedicam a pena, compondo diversos tratados sobre as suas doutrinas e ritos.

E aqui tendes uma idéa sumária do desenvolvimento do Mitraísmo e da sua carreira desde o Oriente até ao Ocidente, onde por fim veiu a extinguir-se nos séculos IV e V, sob a pressão sempre crescente dos decretos das autoridades e das represálias dos cristãos. Com efeito, foi

tão sem tréguas a guerra que estes lhe juraram, desde que se sentiram apoiados pelos imperadores, que, segundo nos diz um escritor dessa época, chegou até a temer-se contemplar os astros com o receio de se tornar suspeito de Mitraísmo. Realmente, os Mitraístas professavam um culto especial para com os astros.

Não é, porém, sómente a esta pressão que se deve atribuir o insucesso final do Mitraísmo. Outros factores houve, que muito devem ter contribuido para isso. Se o Mitraísmo tinha atractivos, o Cristianismo tinha mais, para aquella época. Assim, ao passo que o Mitraísmo tinha uma feição essencialmente militar e isotérica o Cristianismo, pelo contrário, era essencialmente popular, e menos secreto.

O Cristianismo admitia tambem, sem distincção, homens e mulheres; ao passo que o Mitraísmo, ao que parece, excluia a estas em parte, ou pelo menos nunca lhes patenteava as portas, de par em par.

A mesma personalidade de Mitra conservou sempre em torno de si uma atmosfera oriental, ao passo que Jesus, se bem que era judeu por nascimento, parecia occidental, pelo coração. Era para o occidente que êle estendia os braços e voltava a face; êle fulmina os seus compatriotas com os mais terriveis anátemas; êles serão os últimos no seu reino, ao passo que muitos virão do occidente ocupar os primeiros logares, nesse mesmo reino. Paulo, sobretudo, contribuiu para dar a Cristo uma feição occidental.

Um outro factor, que muito deve ter contribuido para o desprestigio do Mitraísmo, foi a derrota de Juliano, o grande apóstolo de Mitra, derrota que naturalmente se foi reflectir no deus invicto, sob cujos auspicios êle pelejava.

Passemos agora a estudar a personalidade de Mitra, nos seus attributos, nas fases da sua vida mortal e no simbolismo em que ella se acha envolta.

Os monumentos apresentam-nos sempre a Mitra como um jovem na flor da vida, e dotado de uma belesa quasi feminina; mas atravez dessa belesa transparecem os traços dum espirito viril, dum ser feito á luta ao mesmo tempo que vagamente se lhe reflecte no olhar uma tristeza misteriosa.

Como já dissemos acima, tudo nos leva a crer que o povo donde os Hindus e os Persas herdaram o culto de Mitra foi um povo onde êle devia ter gosado de uma posição de destaque, como divindade solar. Os Hindus receberam-o logo nesta qualidade de deus solar e o colocaram ao lado de Varuna, com quem Mitra passou a partilhar a soberania universal.

Com efeito, ambos êles são invocados frequentemente nos livros dos Vedas como um par inseparavel — «Varuna-Mitra» — tão inseparavel um do outro, como o é o sol dos seus raios. Emfim, como nos dizem os mesmos hinos dos Vedas, não ha mais em Mitra e Varuna conjuntamente do que em Mitra ou Varuna separados, idéa análoga ás concepções cristãs da Trindade.

Pelo que respeita aos Persas, devemos ter em vista a sua teologia e o seu hinário, que é o hinário Avestico. A teologia concedeu-lhe a principio uma posição assaz modesta, no seu Panteon, onde então reinava Aúra, divindade demasiado ciosa da sua supremacia para permitir que outra se abeirasse do seu pedestal. Não obstante, a personalidade de Mitra soube por tal forma insinuar-se nos animos que a troco desta humilhação veio a adquirir em breve uma posição analoga á de Ahura, e por fim, chegou até a eclipsá-la: e assim podia êle dizer maliciosamente, por detraz do hombro de Aúra, aquella célebre frase: «Os ultimos serão os primeiros».

Caso analogo se deu tambem no Cristianismo com Jesus e Jeová ou o Eterno, como nós lhe chamamos. O Jeová dos Hebreus passou a ser na teologia cristã o Eterno, que, com o decorrer do tempo, foi tambem posto na penumbra, por Jesus, como Aúra o foi por Mitra. De facto, quem é que se lembra hoje do Eterno? Se ainda se fala dele é como duma personalidade fóra de foco; tornou-se uma especie de *solecismo teologico*, e creio até, que se não fóra a fórmula trinitaria êle teria desde ha muito passado a um esquecimento quasi absoluto.

E' curioso observar todos estes paralelos entre Jesus e Mitra.

Mas, voltando aos Persas: se a sua teologia o acolheu tão friamente, ao que parece, os hinos se encarregaram de o compensar sobejamente dessa friesa, attribuindo-lhe desde logo todos os predicados, que podiam torná-lo simpático e influente aos olhos dos seus devotos, e vir gran-

gear-lhe uma posição brilhante. De facto, os hinos Avestas no-lo apresentam como o Senhor dos campos. E' Mitra quem lhes dá a fertilidade, quem lhes envia as chuvas e quem concede a saúde e outros dons corporais aos que o honram. (1)

Do material, a sua jurisdição estende-se até aos domínios do espiritual; e, por isso também é Mitra quem nos dá a paz da consciencia e a sabedoria; quem semeia os sentimentos de fraternidade entre os seus; quem põe em fuga os génios do mal, que pretendem danificar os homens; quem julga os mortais e acompanha as almas dos seus amigos, até as introduzir no Paraiso. (2)

Outros predicados vieram ainda adicionar-se aos precedentes e Mitra tornou-se o deus dos exercitos. Os reis invocam-no antes da batalha e, segundo as tradições Iranicas, a vitoria é daquele, por quem Mitra se interessa. (3)

Mitra, como cantam esses hinos, aparece também antes do nascer do sol, sobre os pincaros inacessiveis das montanhas, durante o dia percorre o espaço infinito e, á noite, continua ainda a iluminar, com uma luz palida, a superficie da terra. E ele não é o sol nem a lua nem as estrelas; todos esses seres são apenas seus servos, e Mitra é um ser invisivel, incompreensivel até; mas por meio deles ele vê tudo, ele observa tudo; ele é Onisciente, e está sempre alerta para atender ás preces dos seus.

E' por esta época que ele deve ter adquirido o belo titulo de Medianeiro entre Aúra, o Jeová da Persia; e os homens, um dos mais preciosos engastes do seu diadema. E, assim, o temos desempenhando no Mazdeismo o mesmo papel que Jesus desempenhará no Cristianismo. (4)

Guindado a tais culminancias, facil seria de prever o futuro glorioso, que lhe estava reservado. E de facto, alguns dos hinos já o colocam ao lado de Aúra e invocam juntamente os dois, como se êles fossem iguais, perfeitamente iguais. O seu prestigio é tal que já se oferecem sa-

(1) Windischmann, «Mitra» pag. 52 ss., e o «Yasht x» consagrado a Mitra.

(2) Mon. Myst. Mitra, t. I pag. 37; Nathan Söderblau, «La vie, future suivant le mazdéisme».

(3) Yasht x, 39 ss.; Curt., «Hist. Alex.», iv,13.

(4) Cf. F. Müller «Handschrifteureste ans Turfân — Mitra Götterbote, Vermittler der Religion der auserwählten».

crifícios a Aúra e a Mitra «os dois seres imortais,» como lhes chamam alguns monumentos.

Os monarcas, pela sua parte, mandam tambem insculpir sobre os seus mausoleus os simbolos destas duas divindades, ao mesmo nivel. Emfim, se Mitra é uma emanação de Aúra, como Cristo é do Eterno, não obstante, Mitra é tão potente e divino como o proprio Aúra, que já não hesita em declarar pela boca do seu profeta Zoroastres que Mitra é o seu braço direito, o seu igual.

Como vêdes, o successo de Mitra foi completo. Chegado a estas alturas, podia ele dizer com toda a razão o que mais tarde disse Cristo: «Ego et Pater unum sumus»— eu e Aúra somos um.

Por fim, saindo de Babilonia para a Asia Menor, chegou a eclipsar o mesmo Aúra, que veio a ficar reduzido no Mitraísmo a um papel secundario ou quasi nulo.

Dos seus attributos passemos a considerar as diferentes peripécias da sua carreira terrestre; pois que ele tambem viveu sobre a terra.

Os monumentos apresentam-no-lo, como nascendo numa gruta, junto a um rio. E' de notar que ele nasce durante a noite, segundo nos referem os autores, e que só os pastores dos montes visinhos poderam observar o facto, provavelmente, em virtude de algum clarão sobrenatural, que se produziu por essa occasião.

Factos analogos se têm em conexão com o nascimento de outros herois e divindades da antiguidade.

Os pastores apressam-se em vir adorar a Mitra recém-nascido e ofertar-lhe os seus dons, tais como cordeiros e frutos. E' muito para notar que S. Jerónimo se queixe de que na mesma gruta, onde a tradição referia ter nascido Cristo, era costume celebrarem-se, no dia 25 de Dezembro, festas pagãs, em honra do nascimento de deuses solares. Facto significativo!

Bem depressa o nosso jovem heroi se prepara para encetar uma carreira de aventuras, que todas resultarão em favor da humanidade. Em primeiro logar entra em luta com o génio do sol, domina-o e celebra com ele um pacto, pelo qual o sol daí por deante seguirá regularmente o curso, que Mitra lhe prescreve. Mitra em seguida cinge-lhe a fronte de raios.

Pouco depois, entra em luta com um toiro, que assolava a terra, segundo pretendem alguns autores, e sai

igualmente vitorioso do certame. Do estranho simbolismo deste episodio falaremos mais adiante.

Mais tarde o espirito do mal tentou aniquilar os homens pela sêde, e Mitra, qual outro Moisés, fére uma rocha donde jorra imediatamente agua em abundancia. Por fim, o génio do mal tenta num ultimo esforço exterminar a humanidade, com um diluvio universal; mas o nosso heroi, dotado da previsão do futuro, manda a um homem que construa á pressa um barco e se acolha a ele com os seus animais; e, desta arte, consegue frustrar ainda os ardis do seu antagonista. E aqui temos o Mitra, um verdadeiro taumaturgo!

Agora, a sua missão sobre a terra estava prestes a tocar o termo: pelo menos a mudês dos poucos documentos, que possuímos, não nos permite uma biografia mais pormenorizada dos diferentes incidentes da sua vida. Mitra celebra por fim um convivio de despedida com os seus companheiros de trabalho, como fez Cristo, e este convivio supremo de Mitra continuavam os seus iniciados a comemorá-lo, por meio de ágapes misticos.

Mitra sobe em seguida ao céu, aonde continua a sua obra benéfica, velando pelos destinos dos seus; pois que, apesar de Ariman, o génio do mal, ter sido vencido por ele, esse espirito malévolos não ficou reduzido a uma impotencia absoluta: a luta entre o Bem e o Mal continua sem tréguas.

Alguns autores pretendem tambem que Mitra antes da sua Ascensão gloriosa ao Olimpo, morreu e ressuscitou, e que morreu como vitima expiatoria, talvez sobre a cruz...

Ora, que o Mitraísmo tenha tido como um dos seus dogmas a morte e a ressurreição de Mitra parece provavel; mas que ele visse nessa morte uma morte de cruz e lhe attribuisse um carater expiatorio é um ponto assaz problematico. Eu limito-me a apresentar-vos os dados principais do problema, deixando ao vosso espirito a sua apreciação.

Em favor das ideias acima expostas, tem-se aduzido um rito, que se celebrava pelo equinoxio da primavera, em conexão com os misterios de Mitra. Uma pedra, figura do deus, era introduzida em um tumulo aberto na rocha, como o de Cristo, e após alguns dias de pranto, pelo seu deus, os sacerdotes retiravam de novo do tu-

mulo essa pedra simbolica, convidando os fieis a regosijarem-se pelo reaparecimento do seu deus.

Alguns autores, como Drews, têm pretendido até que foi deste rito pagão que deve ter derivado em parte a narrativa da ressurreição de Cristo.

Pode igualmente aduzir-se em favor destas ideias a tristeza, que se reflete nas feições de todas as estatuas de Mitra, como indice de um sêr que tem em perspectiva o martirio, e do mesmo modo os pães dos agapes mitraíticos sobre os quaes se vê traçada uma cruz, e sendo esses pães, ao que parece, simbolo do corpo do deus, tal cruz indicaria o genero da morte que ele teve.

Outra consideração que se tem apresentado é que os mitraístas, pelo equinoxio da primavera, imolavam um cordeiro, figura de Mitra, ao qus parece, e atribuiam ao seu sangue efeitos analogos aos que nós atribuimos ao sangue de Cristo, morto na cruz.

Parece confirmar tal opinião o facto de que os sacerdotes da «Magna Mater», cujo culto chegou a ter uma certa conexão com o Mitraísmo, accusam aos cristãos de terem plagiado dos seus ritos a ideias da redenção, pelo sangue do cordeiro (1). E que de facto a idea de purificação em conexão com o cordeiro divino não seja original no cristianismo é fóra de duvida. Já muito antes de Cristo o cordeiro era o simbolo da purificação espiritual, como nos referem Filo e outros. Do mesmo modo, a ideia da cruz, como um objecto sagrado e dotado de certos poderes ocultos, existia muito antes da nossa era entre os egipcios e os povos orientais (2). A morte de cruz foi tambem simbolicamente olhada como a morte tipica do justo ás mãos dos seus opressores. O mesmo Platão já lhe dá tal significado e os cristãos dos primeiros seculos tomaram as palavras do filosofo grego como uma profecia referente a Cristo.

(Continúa no proximo numero).

(1) A ideia da redenção, por meio de sangue, parece derivar das ideias de que os deuses se apaziguam com sangue e de que o sangue dos innocentes é um talisman que protege e restitue a innocencia áqueles que nele se banham, etc.

(2) A cruz foi considerada por muitos povos como o simbolo da vida e da immortalidade: A. Rob. e Curtins. «The cross, the symbol of life and immortality.»

: Questionario :

CADEM nesta secção todas as questões de utilidade geral em versões de assuntos e temas scientificos e de conhecimentos praticos, dadas em forma de questionario. As perguntas e respostas devem ser escritas só dum lado do papel, e assinadas como se quizer, com nome ou pseudónimo; porém, pelo que respeita ás perguntas, devem elas vir sempre acompanhadas com indicação do numero e nome do socio da Universidade Livre, que as faz, e do qual só o director tomará conhecimento. A fim de facilitar as referencias, convêm que nas respostas se indique sempre o numero da pergunta correspondente.

O maior laconismo possivel, compativel com a natureza e compreensão do assunto, certamente convirá a todos — ao BOLETIM e aos correspondentes.

Sendo a Universidade Livre uma instituição de ensino mutuo, a direcção pede encarecidamente a todos os socios que tiverem conhecimento do assunto de qualquer pergunta o obsequio de enviarem logo as suas respostas, as quais serão todas publicadas desde que não tragam algum reclamo especial com prejuizo de qualquer.

Respostas

À pergunta n.º 35 — As obras do extraordinario escritor norueguês Henrik Ibsen teem indubitavelmente um grandioso valor social apesar das criticas acerbas que mereceram a notabilidades como Francisque Sarcey e Max Nordau.

As suas peças mais afamadas são *Os Espectros*, *Hedda Gabler*, *Casa da boneca*, *O Pato bravo*, *O Drama do mar*, *Rosmerholm*, *Um Inimigo do Povo*, *Peer Gynt* e mais 13 outras que são florões de gloria do teatro moderno.

Destas obras pelo menos, as duas primeiras foram representadas em Portugal com estrondoso successo. *Os Espectros* foi representada, entre outras notabilidades, por Ermette Zacconi; e *Hedda Gabler*, por Italia Vitaliani.

Em portuguez não conheço nenhuma delas traduzida; em espa-

nhol ha: Peça o catalogo da afamada livraria de Valencia, Sempre e C.^a. Em francês existe toda ou quasi toda a obra traduzida e editada por Savine e Penin, de Paris.

Segundo um illustre critico que tenho presente e para avaliar a profunda filosofia do grande dramaturgo de Skien basta dizer-se que ele levantou no tablado com um verdadeiro successo universal — que só o desconhecimento da psicologia dos povos nordicos dificultou a principio — temas como: A critica do clero, dos capitalistas, dos politicos, da imprensa, da familia, da emancipação da mulher, do amor livre, da verdade, da luz, da liberdade, da justiça, da vontade e da acção da regeneração individual e social tendo como primeira base o amor.

Nos *Espectros* ha esta imortal frase:

«Procurar a felicidade nesta vida é ter o verdadeiro espirito de rebelião.»

E', pois muito digno de ler-se o famoso dramaturgo individualista. — *Socio efectivo n.º 85.*



À pergunta n.º 34 — É impossível num reduzido espaço explicar-se a forma de jogar o xadrez além de que é preciso um tipo especial, difícil agora de obter, para compôr diagramas que são indispensáveis para uma regular compreensão da acção das peças do jogo.

Em português não ha obras editadas, com verdadeiro valor; os melhores tratados são em lingua alemã e é famosa a 8.ª edição do Bilguer da livraria Veit und Comp., de Leipzig, onde tambem se poderia adquirir uma biblioteca de milhares de volumes sobre o assunto.

Em espanhol escreveu um xadrezista catalão da escola alemã um precioso livro intitulado *Manual de Ajedrez*. O autor é D. José Paluzie y Lucena, e o volume vende-se na livraria de J. Delaire, Faubourg Saint-Denis, 85 — Paris, á qual tambem se pode pedir um catalogo de algumas centenas de livros francêses.

O xadrez não é o jogo da guerra de origem alemã — *Kriegspiel* — que se baseia nas formas tecnicas da guerra mas que não tem o fim deste jogo que é duma precissão insusceptivel de qualquer duvida.

Sobre a filosofia comparada da mobilização e concentração no xadrez e na guerra muito ha escrito; desde, porém, que Bulow separou a noção da tactica e da estratégia, muito mais se tem em xadrez escrito sobre a primeira — a sciencia dos meios — e sobre a segunda — a sciencia dos fins.

Uma partida de xadrez é uma perfeita batalha onde se contam os mesmos recursos; assim, a intelligencia do jogador equivale á

dum estado maior, só não podendo equivaler no xadrez o valor duma peça ao valor pessoal dum soldado.

Ainda no xadrez e na guerra se deu a mesma revolução na estrategia; a escola brilhante de Morply e Napoleão cedeu o passo á construcionista de Laker e von der Golte.

Quer num campo quer noutra nunca foi possivel saber qual a melhor, pois nunca se defrontaram na plenitude da sua existencia.

Schiller disse do xadrez ser «a pedra de toque do cerebro humano».

Essa pedra atesta pouco em Portugal, como em todos os países latinos.

E' esta uma deficiencia intelectual que tambem deve fazer pensar muito super-homem barato da nossa terra. Prometo volver ao assunto se me derem permissão, pois oportunidade ha sempre. — *Socio n.º 85.*



À pergunta n.º 16. — Junte-se a três partes de agua oxigenada uma parte de agua pura. Depois de se ter tirado com uma escova grossa o pó que o chapeu possa ter, lave-se com a mistura acima indicada. Ponham-se-lhe pesos sobre as abas e na copa um peso que a ocupe toda e deixe-se secar. Quando estiver seco engome-se com um ferro morno e ter-se-ha o chapeu limpo e pronto a servir. *Nota.* — Para que o chapeu fique com alguma goma, será bom, antes de o engomar, passa-lo com estearina bem limpa e branca. Para o efeito uma escova de dentes serve. — *Skinamalinks.*

Perguntas:

37 — *Eseritas de inventario.* — Num inventario duma casa co-

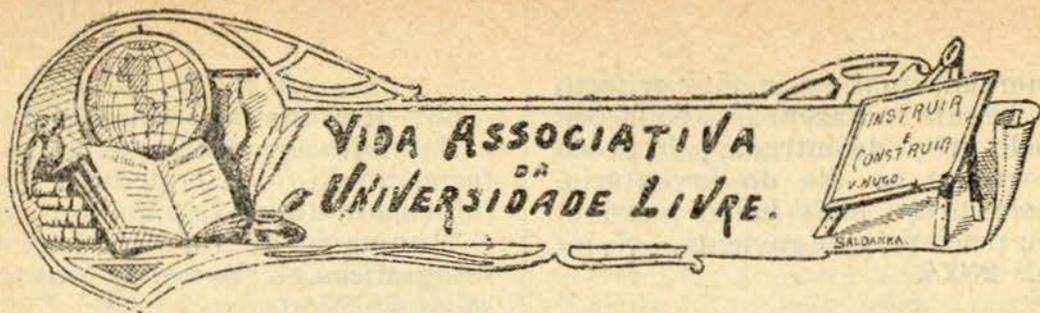
mercial, qual é o melhor criterio a seguir? Fazer as avaliações pelo preço da entrada, pelo preço corrente no dia do inventario, pelo preço mais baixo possível ou pelo «prix de revient».—*Socio n.º 2325.*

⚡⚡⚡

38—*Retoque de clichés.*—Ficaria muito agradecido se por intermedio do *Boletim* podesse ser informado do modo mais pratico e economico de retocar chapas fotograficas.—*Carlos de Souza, socio n.º 2756.*

A colaboração para esta secção deve ser exclusivamente entregue na séde ou a qualquer empregado da Universidade Livre.





Em prol da nossa Universidade

Apelamos para o auxilio de todos os nossos socios e subscritores, certos de que seremos atendidos, dado o seu muito amor a esta instituição. Assim, **pedimos que cada um deles proponha, ao menos, um novo consocio**, o que virá aumentar as nossas receitas, habilitando-nos a arcarmos facilmente com os nossos encargos administrativos, tornados já pesados pelas varias inovações e melhoramentos com que temos levantado o funcionamento da Universidade, e ainda a promover-lhe maior prosperidade.

Proximo ano lectivo

CONSELHO Administrativo iniciou os trabalhos sobre a sua organização e abre no dia 6 do mês de outubro as matriculas para os seguintes cursos:

Lingua franceza

» *inglesa*

» *alemã*

Contabilidade e escrituração comercial

Matematica elementar

» *aplicada ao commercio*

Poligrafia { *caligrafia*
dactilografia
taquigrafia

Geografia

Sciencias naturais { *elementos de botanica,*
ca, zoologia,
mineralogia

Quimica

Fisica

Desenho geometrico

» *de ornato e modelação.*

Tambem continuará a serie dos diferentes pequenos cursos

versando multiplos assuntos e que no ano findo tanto successo alcançaram.

A crise europeia

PROPOSITO das expedições que seguiram para as nossas colonias no continente negro e conforme uma sequencia de estudos criticos sobre os multiplos aspectos do formidavel cataclismo que ora se desenrola, o Conselho Administrativo está organizando uma conferencia que se realizará na Sociedade de Geografia de Lisboa, sendo conferente o antigo governador do Ultramar Snr. Ernesto de Vilhena, talentosa individualidade a que bastanta deve a provincia de Moçambique.

Para tratar de outros aspectos da questão contamos com a colaboração do insigne jornalista e homem de letras Snr. João Carlos de Melo Barreto e com o eminente sociologo Dr. Magalhães de Lisboa que se prontificou, ao findarem as sombrias paginas da historia, que se estão escrevendo,

a fazer um trabalho que prevemos será um successo em quanto á exposiçào de principios que, parecendo hoje em plena decadencia, amanhã serão uma generosa realidade.

Em quanto ás questões economica e financeira que se prendem com a grandiosa crise, o Conselho Administrativo espera fazer debate-las por personalidades eminentes.

Medalha e Fundo Henri Poincaré

O malogrado sabio de Nancy, da familia nobilissima do actual presidente da Republica Francêsa, é alvo duma das mais grandiozas homenagens que a «elite» intelectual de todo o mundo resolveu promover-lhe.

E' a cunhagem duma medalha destinada a perpetuar a acção dos subscritores dum fundo intitulado Henri Poincaré, com o fim altruista de se compensar e encorajar os jovens sabios que se dediquem ás especialidades da sciencia a que H. Poincaré impri-

miu progresso: analise matematica, mecanica celeste, fisica matematica e a filosofia scientifica.

O Conselho Administrativo resolveu contribuir para a homenagem ao douto academico que no exordio da sua celebre obra «A sciencia e a hipotese» escreveu o seguinte periodo que, sendo um maravilhoso ponto de vista critico sobre a sciencia, deve fazer o assombro e devia fazer reflectir muito cretino de pretenções oniscientes.

«Para um observador **superficial**, a verdade scientifica está fóra dos limites da duvida; a logica da sciencia é infalivel e, se os sabios se enganam algumas vezes, é por lhe terem desconhecido as regras».

Retribuindo

Esta instituição reitera os protestos da sua maior consideração e agradecimento ás colectividades com quem mantem relações e que lhe fizeram amistosos cumprimentos por este motivo.



Balancete do mês de Agosto de 1914

DEVE (Receita)

	Saldo de Julho.		37\$21
Subscritores:			
	Cobrança deste mês.....	77\$56	
Efectivos:			
	Idem	8\$70	86\$26
Despezas gerais:			
	Consumo de electricidade neste mês.....		1\$50
Devedores & Credores:			
	Maximiano S. Rodrigues		
	— s/ remessa de postais....	6\$88	
	Antonio Manuel Rodrigues		
	— s/ entrega.....	1\$50	8\$38
Publicações:			
	Vendidas		\$52
Subsidios:			
	Da Assistencia	15\$00	
	Da Camara Municipal.....	20\$00	35\$00
			131\$66
			168\$87

HAVER (Despeza)

Rendas:			
	Mês de Setembro		35\$00
Publicações:			
	Pago ao revisor.....	5\$00	
	Gravuras para o livro de francês..	1\$90	6\$90
Percentagens:			
	Aos cobradores	8\$50	
	Pago no Funchal.....	\$69	9\$19
Propaganda		6\$38
Despezas gerais:			
	Neste mês	40\$96,5	98\$43,5
	Saldo para Setembro.		70\$43,5